



GRUPO DE ORIENTAÇÃO A PAIS: ENTREVISTA INICIAL E SUA RELAÇÃO COM A INTERVENÇÃO

Maria Benedita Lima Pardo, Margarida Maria Silveira Britto de Carvalho, Camila Camila D&39;Ávila Moura (Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Sergipe)

Eixo Temático: 23. Pesquisa fora do contexto educacional

Financiamento: PIBIX/PROEX/UFS

Resumo

Os Grupos de Orientação a Pais têm por objetivo proporcionar oportunidade de discussão sobre educação de filhos. Neste trabalho são apresentados resultados de entrevistas iniciais cujo objetivo é obter informações sobre a criança e seus ambientes e proporcionar oportunidade para a reflexão sobre as práticas educativas. Os dados foram coletados individualmente e submetidos à análise de conteúdo. Os resultados revelaram que os pais descrevem mais aspectos negativos do que positivos sobre a criança e pouco relacionam seus comportamentos com alterações ambientais. Quanto às práticas educativas os relatos indicaram ações positivas e negativas, assim como dúvidas quanto a seu uso. Tais informações são utilizadas para o planejamento das intervenções visando contribuir para melhor desenvolver o papel de educador dos pais.

Palavras- chave: Orientação a pais, entrevista, práticas educativas.

Abstract

The aim of the parent orientation group is to provide opportunity to discuss about children's education. In this article, there are results from initial interviews which aim to obtain information about the children's characters and their environment and also to provide opportunity to reflect about the educational practices. The data were collected individually and submitted to content analysis. The results show that the parents describe more negative aspects than positives in their children and do not associate their behaviors with environmental changes. Related to the educational practices, the accounts indicate positive and negative actions and doubts about its usage. Those informations are used to build an intervention planning which goals to contribute to improve the parent's role as educator.

Keywords: Guidance for parents, interview, parent practices.

Introdução

A proposta dos Grupos de Orientação a Pais

O projeto Grupos de Orientação a Pais (GO) iniciou-se com a necessidade de atender famílias que buscavam atendimento psicológico para seus filhos. As clínicas-escola ligadas aos cursos de Psicologia são locais que podem oferecer esse tipo de auxílio. Tal é o caso do trabalho, a ser apresentado neste artigo, que vem sendo desenvolvido desde 2004 no Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) da Universidade Federal de Sergipe.

Durante o atendimento das crianças observava-se algumas constantes nas problemáticas que surgiam, envolvendo as relações pais-filhos. Tendo em vista o aumento da demanda de casos infantis pensou-se que uma maneira de atender a essas necessidades seria proporcionar a discussão de temáticas de interesse em grupos de pais. Desse modo o trabalho com o grupo reforçaria as intervenções psicoterapêuticas e proporcionaria oportunidade de inserção em um trabalho psicoeducacional para aqueles pais cujos filhos ainda não estavam sendo atendidos.

A fundamentação desse trabalho baseou-se em princípios da psicologia da Aprendizagem e do Desenvolvimento e na abordagem bioecológica de Bronfenbrenner (1996). Para este autor o desenvolvimento ocorre a partir de influências de ambientes próximos (micro e mesossistema) e remotos (exo e macrosistema) e das interconexões entre eles sendo, portanto, necessário explorar o que pode estar ocorrendo em diferentes ambientes que a criança frequenta.

Beneficiou-se também com concepções contidas em outros trabalhos de orientação a pais como os de Colnago (2014; 2000). Essa autora partiu do princípio de que era necessário realizar um levantamento das necessidades das famílias antes de planejar as intervenções. Desse modo as famílias foram envolvidas com a responsabilidade de escolher e aplicar as ações que julgassem mais adequadas para seus filhos, enquanto o pesquisador assumia a função de orientador desse processo. Esses trabalhos inspiraram a ênfase no envolvimento dos pais para a definição dos assuntos tratados no GO.

O GO tem funcionado com uma programação de oito encontros, com periodicidade semanal e duração de uma hora cada um deles. As orientações e intervenções baseiam-se nas temáticas e situações que as mães trazem para discussão, e a participação ativa das mesmas é enfatizada, tanto no grupo como em seus ambientes, onde desenvolvem observações e experimentam novas formas de interagir com os filhos.

Antes das sessões de intervenção são feitas entrevistas iniciais a fim de se caracterizar as queixas, as situações onde aparecem e as percepções da mãe sobre a criança, sobre suas práticas educativas e possíveis alterações que gostaria que ocorressem. Também é aplicado o CBCL (Achenbach & Rescorla, 2001) a fim de levantar as percepções das mães sobre o comportamento dos filhos.

Ao final das sessões são aplicadas novas entrevistas nas quais as mães avaliam mudanças observadas nos comportamentos da criança, em seus próprios comportamentos, nos ambientes em que vivem e avaliam o funcionamento do GO, contribuindo com sugestões. O CBCL é reaplicado a fim de aferir se ocorreu melhora nos comportamentos da criança. Resultados obtidos com esses grupos foram apresentados em vários artigos e em livro. O funcionamento dos vários GOs mostrou resultados positivos de duas naturezas: em relação ao modo como as mães agiam com a criança, bem como, em relação à percepção de seus filhos e de si próprias (Pardo, Carvalho, & Santos, 2014; Pardo & Carvalho, 2005; 2007; 2011; 2012).

A proposta de entrevista inicial

A entrevista inicial buscou levantar as queixas das mães em relação a seus filhos, que comportamentos da criança as incomodavam e em que ambientes eram observados. Por outro lado tinha por objetivo solicitar que as mães enunciassem suas percepções sobre os filhos e sobre si mesmas, enquanto participantes do processo educacional, a saber, suas práticas educativas, as dificuldades que enfrentavam na educação dos filhos e percepções de mudanças nesse processo. Teve, portanto, não só um caráter descritivo, mas estimulador da reflexão sobre as influências recíprocas da relação mãe-filho. Bronfenbrenner (1996) explica que a orientação ecológica busca traduzir em termos operacionais a posição teórica de que “o que importa para o comportamento e desenvolvimento é o ambiente conforme ele é *percebido* (grifo do autor), e não como ele poderia existir na realidade objetiva” (p. 6). Esta colocação reforça nossa experiência com a entrevista inicial como fator de mudança à medida que provoca a reflexão da mãe sobre suas experiências enquanto educadora.

Dentre as questões colocadas as referentes às queixas solicitavam a enumeração das mesmas, seu grau de

importância e os ambientes em que ocorriam. Essas questões que direcionavam para relatos de aspectos negativos percebidos eram seguidas por outras que ampliavam o foco dos relatos, de modo a viabilizar a introdução de informações sobre outros aspectos dos comportamentos da criança e seu modo de ser. Na sequência as questões direcionavam para a análise das mães sobre seus comportamentos na relação com o filho.

Este artigo tem por objetivo apresentar os resultados obtidos nas entrevistas iniciais de mães que participaram de grupos no período de 2010 e 2013 e, a partir dos mesmos, delinear características do trabalho a ser desenvolvido no decorrer das atividades dos grupos.

Método

Participantes

Foram analisadas as entrevistas de trinta e seis participantes, dentre eles mães, um pai e outros parentes ou cuidadores, tais como avós e tias. Esse cuidadores estavam desempenhando as funções de mãe em relação às crianças. Serão designados com as siglas P1,P2...P36 no decorrer do texto.

Para a seleção dos participantes, foram utilizados os seguintes critérios: renda familiar de até três salários mínimos e encaminhamento de seus filhos de até doze anos para atendimento psicoterápico no SPA.

As características gerais dos participantes, no que diz respeito aos seus dados demográficos e de participação no GO, e das crianças estão contidas na Tabela 1. Observa-se que, dentre os participantes que informaram a idade, 25% tinham idade entre 31 e 40 anos, 52,8% eram casados, 69,5% tinham ensino fundamental ou médio. Quanto à participação no GO, 86,1% frequentaram o grupo. Em relação aos dados das crianças a maioria era do sexo masculino (72,2%), e tinha idade entre 6 e 10 anos (44,4%).

Tabela 1- Caracterização dos participantes e das crianças, segundo os dados demográficos e de participação no GO

Variável	Nível	Distribuição (%) n=36
Idade (anos)	20-30	8.3%
	31-40	25.0%
	41-50	11.1%
	Acima de 50	2.8%
	Não informado	52.8%
Estado Civil	Solteiro	27.8%
	Casado	52.8%
	Separado	11.1%
	Não Informado	8.3%
	Ensino Fundamental	30.6%
	Ensino Médio	38.9%
	Ensino Superior	5.6%

Escolaridade	Não Informado	19.4%
	Não estudou	5.6%
Sexo da criança	Feminino	27.8%
	Masculino	72.2%
Idade da criança	1 a 5	22.2%
	6 a 10	44.4%
	Acima de 10	27.8%
Frequentou GO	Sim	86.1%
	Não	13.9%

Considerações éticas

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Sergipe (UFS), como consta do protocolo Nº CAAE- 0014.0.107.000-10.

Ao serem convidadas para participar do GO, as mães foram esclarecidas sobre os objetivos da pesquisa e seus direitos quanto ao sigilo de identidade e à liberdade de não mais participarem no momento em que assim o desejassem. Após os esclarecimentos, todas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Local

As coletas de dados foram realizadas no Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) órgão vinculado ao Departamento de Psicologia da UFS.

Roteiro da entrevista inicial

Elaborado pelas próprias autoras, o roteiro é composto por dezoito questões que abordavam as seguintes informações: identificação do entrevistado e seu grau de parentesco com a criança, dados pessoais desta, dados pessoais dos pais, heredograma da família, bem como queixas relativas à criança, dinâmica familiar, vida escolar da criança, comportamento da mesma em outros ambientes, práticas educativas utilizadas e expectativas em relação ao grupo.

Procedimentos

Inicialmente as mães e/ou cuidadores que tinham fichas de inscrição para atendimento de seus filhos no SPA foram contatados e convidados a participarem do grupo de orientação a pais (GO). No primeiro contato eles foram informados sobre o objetivo e funcionamento do grupo, bem como, o dia de realização e o horário do mesmo.

Com os interessados foram marcadas as entrevistas antes do início do grupo, com dia e horário escolhidos pelos participantes. Após a realização das entrevistas cinco das mães entrevistadas não participaram das reuniões do grupo.

Análise dos dados

Os dados das entrevistas foram categorizados mediante análise de conteúdo (Bardin, 2004) tomando como base os seguintes critérios: para nomeação das categorias foram utilizados termos já presentes na área de

treinamento de pais; para inclusão dos dados nas mesmas foi verificada a similaridade do conteúdo dos relatos. A seguir esses resultados foram inseridos no programa estatístico SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences, versão 19*) para obtenção de frequências e porcentagens.

Resultados e Discussão

As mães foram solicitadas a falarem sobre seu filho, como ele era no seu modo de ver. A Tabela 2 mostra que seus relatos estiveram relacionados a aspectos físicos, psicológicos e comportamentais e vieram acompanhados de avaliações positivas e negativas. Pode-se também observar que nos diferentes aspectos relatados a conotação negativa foi sempre mais freqüente. Destacaram-se os 'aspectos comportamentais negativos' (75%), tais como chorar, responder, gritar, bater em pessoas, seguidos dos 'aspectos psicológicos negativos' (47,2%) como nervosismo, dificuldade de aprendizagem, desatenção, agitação.

Tabela 2- Percentual dos aspectos físico, psicológico e comportamental citados pelos participantes

	Aspecto Físico	Aspecto Psicológico	Aspecto Comportamental
Positivo	5,6%	11,1%	5,6%
Negativo	19,4%	47,2%	75%
Positivo e Negativo	0%	36,1%	8,3%
Não se refere	75%	5,6%	11,1%
TOTAL	100%	100%	100%

Esta tabela mostra ainda que sobre os aspectos psicológicos 36,1% das mães relataram simultaneamente aspectos positivos e negativos, indicando visão mais ampliada sobre a criança compreendendo não só problemas, mas também suas qualidades. Como exemplo das falas das mães, temos: *"E. quando tinha três anos, chorava e era muito nervoso. É um menino muito criativo, tem facilidade em fazer amizades. Tem dificuldades para falar, troca as letras. É um pouco agitado"* (P9); *"A minha filha é doce, meiga, carinhosa. Está meio nervosa, não dorme direito, desobediente, teimosa"* (P17).

Já os 'aspectos físicos negativos' estavam relacionados com doenças, como verminoses, epilepsia e tomar remédio. Os poucos 'aspectos físicos positivos' se relacionaram a aparência da criança, como mostram os relatos: *"É morena, tem cabelos longos"* (P6); *"É alta e magricela. É bonita, é a coisa mais linda da mãe"* (P33).

Caminha e Pelisoli (2007) alertam para a necessidade de se conhecer e trabalhar as principais crenças e expectativas dos pais em relação aos filhos. Frequentemente existem expectativas irrealistas que, se não forem esclarecidas, continuarão a ser fonte de frustrações e conflitos nas interações.

A experiência com os grupos de pais tem mostrado que é frequente a necessidade de esclarecimentos sobre o que deve ser esperado da criança, de acordo com sua faixa de idade, e também o desenvolvimento de um trabalho que os estimule a perceber que os comportamentos da criança estão relacionados às situações e pessoas com as quais interage (Pardo, Carvalho & Santos, 2014; Pardo & Carvalho, 2012; Pardo & Carvalho, 2008; Pardo & Carvalho, 2011).

Segundo Friedberg e McClure (2004) frequentemente os pais esperam demais ou muito pouco de seus filhos, o que leva a conflitos. Muitos deles confundem comportamento desejável com comportamento esperado e exigem constantemente um padrão de comportamento da criança ou do adolescente pouco provável de ser atingido. Tal é o caso da obediência completa às suas solicitações. Uma vez alertados para essas diferenças os pais começam a perceber que a visão que tinham de seus filhos estava distorcida para o negativo, ou seja, em muitas situações o filho obedecia à regra, mas a seu modo.

O que as mães modificariam em seus filhos

Perguntou-se às mães se elas tivessem que modificar alguma coisa em seu filho, o que modificariam. As respostas se concentraram em aspectos psicológicos (22,2%), comportamentais (22,2%) ou ambos (27,8%). A indicação dos aspectos a serem modificados está coerente com as informações complementares às queixas relatadas no tópico anterior, em que as mesmas categorias foram mais frequentemente mencionadas. A seguir são apresentados exemplos de falas que ilustram cada uma dessas categorias, respectivamente. *"Queria que meu filho tivesse mais atenção e mais respeito por mim"* (P12); *"O choro, que me irrita bastante e a desobediência"* (P17); *"A desobediência, a mentira, queria que ele se conscientizasse para melhorar a própria saúde"* (P3).

Apesar de terem apresentado queixas, quatro das mães (11,1%) relataram que não modificariam nada em seus filhos. Por outro lado, três delas (8,3%) relataram que modificariam tudo. Essas respostas indicam posições bastante diferenciadas quanto à visão que a mãe tem da criança. A afirmativa 'modificaria tudo' generaliza os problemas apresentados representando visão bastante negativa. O 'não modificaria' indica aceitação da criança como ela é, apesar das queixas: *"Modificaria a filha toda. Faria dela uma pessoa bem estudiosa, nem nervosa, nem inquieta, nem desatenta"* (P2); *"Tudo. A preguiça, falta de vontade, comportamentos desagradáveis. A violência"* (P18); *"Nada, só queria que ele aprendesse"* (P26).

É interessante destacar, que três das mães ao invés de indicarem o que gostariam de mudar na criança relataram necessidade de mudanças nelas mesmas, tal como mostram as falas: *"Mudaria a forma de lidar com meu filho, seria menos tirana, daria mais carinho"* (P5); *"Mudaria meu jeito de ser, daria mais atenção a meu filho"* (P6); *"Só o ensinamento"* (P19).

Essas falas revelam que o momento da entrevista inicial, em que houve a possibilidade de dialogar sobre as características da criança e suas relações com os ambientes, favoreceram a reflexão das mães sobre seu papel relativo às questões da educação do filho que a preocupavam.

Como as mães agem em relação à educação de seu filho

Conhecer as práticas e os estilos parentais utilizados pelos pais é relevante na medida em que fornece informações para compreender a dinâmica familiar e a interação entre pais e filhos (Valentini & Alchieri, 2009). O modo como os pais agem na educação de seus filhos, isto é, as práticas e estratégias que utilizam, interfere diretamente no desenvolvimento e comportamento da criança. Quando positivas, as práticas favorecem esse desenvolvimento e contribuem para evitar o aparecimento e/ou manutenção de problemas de interação entre pais-filhos, mas em contrapartida, quando negativas elas passam a serem fatores de risco para o desenvolvimento infanto-juvenil (Patrias, Siqueira, & Dias, 2013; Bolsoni-Silva & Loureiro, 2011).

Sobre esse aspecto, a maioria das mães relatou ter ações positivas (33,3%), ações positivas e negativas (30,6%) e ações negativas (19,4%). A alta frequência das categorias ações positivas e ações positivas e negativas revela que essas mães já apresentavam modos de pensar que valorizavam as práticas positivas (como o diálogo, o incentivo a criança e o estabelecimento de limites), mas possivelmente se sentiam inseguras em relação a seu uso e por isso procuravam um ambiente para discuti-las e esclarecer suas dúvidas. Weber, Brandenburg e Salvador (2006) encontraram resultados semelhantes em sua pesquisa, quanto às práticas positivas, mas ressaltam a necessidade de se discutir com os pais a funcionalidade das mesmas de modo que compreendam as implicações de seus comportamentos em relação ao filho. Alguns exemplos de falas das mães: *"Educo do jeito que acho certo. Antes batia, mas agora converso e coloco de castigo, e tiro tudo que ele gosta"* (P8); *"Converso muito com E., oriento. Estou sempre corrigindo quando ele fala alguma palavra errada. Às vezes bato, mas me arrependo depois"* (P9).

Já as mães que relataram ter ações negativas indicaram usar práticas do tipo: impedir várias ações da criança, bater, colocar de castigo, tirar tudo que a criança gosta. Como exemplo tem-se: *"Não deixo que ela faça algumas coisas só, como o banho. Não deixo que mexa nas coisas. Chamo muito atenção dela em relação à sujeira, inclusive quando está brincando. Nego quando ela me chama para brincarmos juntas"* (P5);

"Brigo, mas também converso e oriento. Quando perco a paciência, bato" (P12).

Dentro da categoria *"outros modos de agir"* as mães relataram dúvidas e às vezes omissão em relação ao comportamento da criança considerado problema: *"Converso, mas não adianta, também já bati muito. Não sei mais como lidar, pois ele não tem mais limite para comer e para falar. Eu faço que não vejo" (P4).*

Para Patias, Siqueira e Dias (2013) muitos pais acreditam que essa é a melhor forma para educar, principalmente porque desconhecem outras formas ou porque foram educados assim. Nesse sentido, os grupos de orientação tornam-se relevantes, uma vez que estes têm possibilitado discussões e reflexões dos pais acerca de práticas educativas novas ou alternativas que favoreçam o desenvolvimento da criança e a melhoria nas interações pais-filhos.

Dificuldade em criar o filho

Quando foi perguntado se as mães sentiam dificuldade em criar seus filhos, a maioria respondeu que sim (63,9%), seguida da resposta às vezes (19,4%) e de não (16,7%). A frequência elevada da resposta "sim" demonstra que um dos fatores motivacionais para as mães procurarem o grupo de orientação seria a possibilidade de superar essas dificuldades. Das mães que responderam sim, a maioria (43,47%) relatou que a maior dificuldade estava no comportamento da criança, descrevendo a forma que o filho agia e como gostaria que se comportasse. *"Gostaria que ele comesse menos e falasse menos" (P4); "Gosta de chamar atenção e é muito bruta" (P23); "Não colabora em casa, está desobediente" (P30).*

A maioria das mães que responderam "às vezes" (57,14 %) indicaram necessidade de mudar o modo de agir do cuidador, ou seja, também estavam em busca de orientações que indicassem maneiras mais apropriadas para educar seu filho. *"Eu acho difícil ensinar para ele as coisas" (P19); "Não sei como chamar atenção dela e dizer não" (P17); "Me sinto perdida, não sei que atitude tomar" (P28).*

Pode-se destacar ainda que as dificuldades em educar estão relacionadas também com as transformações que estão ocorrendo na sociedade no que diz respeito ao exercício da parentalidade. Para Weber, Brandenburg e Salvador (2006) é de grande importância os pais compreenderem os ciclos intergeracionais e suas diferenças, ou seja, o modo como foram educados por seus pais e as práticas que estão adotando com os filhos. Tal entendimento ajuda a perceber a origem de algumas de suas ações, e ter mais facilidade para mudá-las. Lidar com as demandas parentais e conciliá-las com os problemas do dia-a-dia, torna o papel do pai/mãe ainda mais desafiador. As dificuldades surgem a partir de um conjunto de fatores interligados, e as discussões nos grupos de orientação podem contribuir para o equilíbrio entre estes fatores, especificamente quanto às dificuldades e insegurança na hora de educar.

Considerações finais

As mães que procuram os grupos de orientação chegam frequentemente ansiosas para obter informações sobre problemas que estão vivenciando. Inicialmente tais problemas são atribuídos à criança. As questões colocadas pela entrevista inicial têm a função de levá-las a uma ampliação desse ponto de vista, direcionando sua atenção para aspectos dos ambientes que a criança frequenta, para outros comportamentos ou características de seus filhos e para seu próprio comportamento enquanto educadora. Têm também a função de fornecer ao entrevistador informações sobre como as mães caracterizam e avaliam os problemas que estão trazendo, que fatores consideram relevantes para os mesmos e os recursos de apoio e de conhecimento que já possuem ou dos quais necessitam. Todas essas informações são de grande relevância para a escolha e aplicação das estratégias de intervenção na sequência de encontros que ocorrerão no grupo .

Deve-se ressaltar a importância da abordagem bio-ecológica (Bronfenbrenner, 1996) como suporte para esses questionamentos, pois sua adoção leva os entrevistadores a uma constante preocupação em solicitar informações sobre as interações que ocorrem entre o comportamento da criança e o ambiente em que se encontra, incluindo aí o comportamento de outras pessoas. Trata-se de conseguir informações que deem

suporte para o trabalho relativo ao modo como mães ou outras pessoas significativas estão reagindo aos comportamentos da criança. Para alterar seu papel na educação do filho é importante que as mães percebam também seus comportamentos e como eles afetam a criança. Vários relatos apresentados indicam que essa percepção pode ser estimulada desde a entrevista inicial.

Ao analisar o funcionamento das díades no processo de desenvolvimento Bronfenbrenner (1996) enfatiza certas propriedades que podem influir positivamente. São elas reciprocidade, equilíbrio do poder e relação afetiva.

A respeito da relação afetiva Bronfenbrenner (1996) ressalta a ocorrência e manifestação de sentimentos positivos, negativos, ambivalentes ou assimétricos de uma pessoa em relação a outra à medida que as interações ocorrem. Sendo positivos e recíprocos a probabilidade de propiciarem o desenvolvimento é maior, assim como de facilitarem a formação de díades primárias. Essas díades são aquelas que continuam a existir mesmo sem a presença do outro, ou seja, os dois membros aparecem no pensamento de cada um, estimulam sentimentos e continuam a influenciar o comportamento do outro. As mães relataram sentimentos positivos por seus filhos. As discussões do GO são importantes para refletir sobre esses sentimentos, e também sobre as avaliações e sentimentos negativos e como expressá-los sem ofender a criança, visando fortalecer a compreensão das situações que precisam ser alteradas por ambos os lados, a criança e a mãe, e favorecendo as mudanças na direção dos comportamento desejáveis.

No que diz respeito à reciprocidade é importante ressaltar que a mesma implica em mudanças nos dois lados da díade. Assim conforme a criança muda e se torna mais amadurecida deverão também ocorrer mudanças nos comportamentos da mãe propiciando-lhe oportunidades de melhor desenvolver seu papel de educadora. Os trabalhos de intervenção do GO, com base nesses princípios, estarão buscando contribuir para alcançar tais objetivos.

Referências

Achenbach, T. M. & Rescorla, L. A. (2001) *Manual for the ASEBA School – Age Forms & Profiles*. Burlington, VT: University of Vermont, Research Center for Children, Youth & Families.

Bardin, L. (2004). *Análise de conteúdo*. 3ª Ed. Lisboa: Edições 70.

Bolsoni-Silva, A. T., & Loureiro, S. R. (2011). Práticas educativas parentais e repertório comportamental infantil: comparando crianças diferenciadas pelo comportamento. *Paidéia* 21(48), pp.61-71.

Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Caminha, M. G. ; Pelisoli, C. Treinamento de pais: aspectos teóricos e clínicos. In: Caminha, R. M.; Caminha, M.G. *A prática cognitiva na infância*. São Paulo: Roca, p. 274-289, 2007.

Colnago, N.A.S.(2014).Programa de Orientação para Pais de Crianças com Síndrome de Down:Modelos de Práticas de Educação e de Desenvolvimento.In V.L.Israel & M.B.L.Pardo(Orgs).Desenvolvimento Infantil:Orientação a Pais e Professores (pp.41-58).Porto Alegre: Redes Editora.

Colnago, N. A. S. (2000). Orientação para pais de crianças com Síndrome de Down: elaborando e testando um programa de intervenção. (Tese de Doutorado) Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

Friedberg, R. D., & McClure, J. M. A. (2004). *Prática Clínica de Terapia Cognitiva com Crianças e Adolescentes*. Trad. Cristina Monteiro. Porto Alegre: Artmed.

Pardo, M. B. L., Carvalho, M. M. B. S., & Santos, A. B. (2014). Grupo de Orientação a Pais: Otimizando a Interação Pais-Filhos. In V.L. Israel & M.B.L. Pardo (Orgs). *Desenvolvimento Infantil: Orientação a Pais e Professores* (pp.41-58). Porto Alegre: Redes Editora.

Pardo, M. B. L., & Carvalho, M. M. B. S. (2005). *Orientação familiar e a prevenção de necessidades educacionais especiais*. In CBEE – Congresso Brasileiro de Educação Especial, II, São Carlos, Anais, CD.

Pardo, M. B. L.; Carvalho, M. M. B. S. (2007). *Orientação familiar e a prevenção de deficiências*. In SBP – Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia, XXXVII, Florianópolis, Anais, CD.

Pardo, M. B. L., & Carvalho, M. M. S. B. (2008). Orientação familiar e a prevenção de necessidades educacionais especiais. In E.G. Mendes; M.A. Almeida; M.C.P.I. & Hayashi (Orgs.), *Temas em Educação Especial: conhecimentos para fundamentar a prática* (p.202-212). Araraquara: Junqueira & Marin Editores.

Pardo, M. B. L., & Carvalho, M. M. S. B. (2011). Grupo de orientação de mães no contexto de uma clínica-escola. *Paidéia*, 21,(48).pp. 93-100.

Pardo, M. B. L., Carvalho, M. M. S. B. (2012). Grupos de orientação de pais: Estratégias para intervenção. *Contextos Clínicos*. 5(2).pp., 80-87. doi: 10.4013/ctc.2012.52.02

Patias, N. D., Siqueira, A. C., & Dias, A. C. G. (2013). Práticas educativas e intervenção com pais: A educação como proteção ao desenvolvimento dos filhos.

Valentini, F. & Alchieri, J.C. (2009). Modelo clínico de estilos parentais de Jeffrey Young: Revisão da literatura. *Contextos Clínicos*. 2.(2).pp.113-123. doi: 10.4013/ctc.2009.22.06

Weber, L.N.D., Brandenburg, O, J & Salvador, A P. V. (2006). Programa de Qualidade na Interação Familiar (FQIF) : Orientação e Treinamento para Pais. *Psico*. 37(2).pp.139-149.

Recebido em: 27/06/2014

Aprovado em: 27/06/2014

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: